

REVOLUÇÃO, MEMÓRIA E AGÊNCIA.

AS CAMPANHAS DE
DINAMIZAÇÃO
CULTURAL DO MFA

MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA E LIBERDADE

M.E.A. Campanha de dinamização cultural



Muito prazer em conhecer voelências

«Muito prazer em conhecer voelências.»
Cartaz de João Abel Manta, 1974.
MANTA, João Abel, 1975, João Abel Manta,
Cartoons 1969 – 1975, Lisboa, Edições O Jornal

Revolução, Memória e Agência.

As Campanhas de Dinamização Cultural do MFA¹

Introdução

Este texto pretende discutir a relevância das práticas híbridas nas ciências sociais retomando a concepção de etnografia retrospectiva (Almeida 2007, 2009) – entendida como método e categoria analítica – na abordagem às Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975). Esta pesquisa (Almeida 2009) que agora revisito implicou a mobilização de um portefólio de métodos para a estudar a partir da Antropologia, e foi particularmente atenta à aliança entre os conhecimentos que os antropólogos constroem e os conhecimentos das pessoas com as quais trabalham.

Este posicionamento ancora-se também no desafio para uma rotação de perspectiva que Viveiros de Castro (2018) propõe em *Metafísicas Canibais*. No texto que abre o livro, o autor confronta-nos com a dívida conceptual da Antropologia para

1. Uma primeira versão deste texto foi apresentada no âmbito do "Encontro sobre a memória da Revolução Portuguesa (1974-75)", realizado no Museu do Aljube – Resistência e Liberdade em Maio de 2023.

com os povos que estuda, desafiando-nos a pensar a *corpus* teórico-conceptual da disciplina sustentado também “no esforço imaginativo das próprias sociedades” (Viveiros de Castro 2018: 20). Reconhecendo-me nesta abordagem, não deixo de sublinhar a distinção entre os processos e as narrativas (Trouillot 2015 [1995]), colocando o foco nas pessoas que fizeram a Dinamização Cultural, na sua agencialidade, dando a ver as suas subjectividades. É a partir delas que procurarei identificar as disputas da memória sobre um acontecimento passado que assumiu (e assume) um carácter menos visível e celebrado na complexa trama das operações patrimoniais. Todavia, as guerras culturais em torno desta memória incorporam também um horizonte de desejos e projectos futuros, a partir dos quais o passado é resgatado (Jelin 2020). Por esta razão, Elizabeth Jelin chama a atenção para a historicidade das memórias identificando a sua ancoragem a uma multiplicidade de temporalidades:

“En primer lugar, está la temporalidad histórica, el devenir de los procesos sociales en el ámbito político, económico, social, cultural. En distintas escalas, desde lo personal o local hasta procesos de índole global. En la dinámica de ese devenir, se tejen y retejen memorias del pasado. Los acontecimientos de cada presente histórico despiertan pasados que pudieron estar dormidos y silencian otros [...]. Como investigadorxs sociales, además, hay una tercera temporalidad, la de los paradigmas científicos y las transformaciones en las conceptualizaciones. Hace cincuenta años, no había una conceptualización de las memorias ni de su relación con la historia como la hay ahora, ni había un campo de estudios sobre memorias [...]. Esta temporalidad académica está vinculada a los conceptos, y transforma los encuadres y los marcos interpretativos para entender la realidad. Y hay una temporalidad biográfica, asociada a la trayectoria personal. Como personas (y como investigadorxs), acumulamos experiencias y saberes, revisamos posturas, «descubrimos» nuevas aristas, hacemos nuevas preguntas. O nos aferramos a visiones que resultan antiguas u obsoletas a los ojos de las nuevas generaciones.” (Jelin 2020)

É também no quadro do reconhecimento destas múltiplas temporalidades que exploro a eficácia epistemológica de uma “etnografia retrospectiva” (Almeida 2007, 2009) como ferramenta conceptual. Por um lado, esta convoca as diferentes texturas da memória, ao centrar-se nos processos de rememoração e nas escalas que estes mobilizam accionando, conseqüentemente, um trabalho de arquivo que

se expande por uma diversidade de registos. Por outro lado, contempla a análise do papel do investigador como co-criador de narrativas passadas tendo presente, na linha de Trouillot (2015 [1995]), que os indivíduos participam nos processos históricos como actores e narradores.

Deste modo, este artigo centra-se no encontro etnográfico, em particular nos momentos de entrevista, entendidos como encontros heterogéneos de diferentes ontologias. Analisa, ainda, como estes visibilizam a subexposição da memória das Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA, os seus atritos e as suas fricções.

I. “O País real, dentro de outro País.” Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975): apresentação breve

Há 48 anos realizou-se a campanha “Maio Nordeste”, que teve como destino o distrito de Bragança. À semelhança das outras, assumiu um lema – “Trabalhar com o Povo – Construir a Revolução” –, mas foi apresentada nas páginas do boletim *Movimento* como sendo “totalmente diferente das anteriores”². Esta especificidade é também assinalada em Correia *et al* (s/d-a:149), que a sustenta nas aprendizagens decorrentes das experiências realizadas até então. Protagonizada por 230 oficiais, sargentos e praças dos três ramos das Forças Armadas³ e da GNR, da PSP e da Guarda Fiscal, esta campanha desenvolveu-se de forma faseada, prolongando-se a primeira etapa até ao dia 31 de Maio de 1975. Neste período, 27 equipas, distribuídas por sete zonas, procederam ao levantamento das necessidades mais urgentes das populações, elaborando relatórios que viriam a ser estudados pela Comissão Dinamizadora Central (CODICE)⁴, visando garantir uma maior eficácia das etapas subsequentes. No jornal *Diário de Notícias*⁵, que acompanhou as actividades desenvolvidas publicando um conjunto de 15 reportagens, podemos ler:

“Um ano depois de Abril, algum tempo menos depois da ‘Nortada’, o MFA chegou a Trás-os-Montes. O País real, dentro de outro País. [...] No Nordeste Transmontano encontraram – em vez do ‘pitoresco’ publicitado pelos

2. *Movimento*, n.º 24, 25/7/1975, p. 10.

3. As equipas foram auxiliadas por um destacamento de técnicos da Arma de Engenharia. A Força Aérea prestou a sua colaboração ao nível médico-sanitário, enviando médicos e enfermeiros.

4. A CODICE foi uma estrutura bipartida, em que os militares, a sociedade civil e alguns organismos do Estado, com destaque para a Direcção-geral da Cultura Popular e Espectáculos, partilharam a responsabilidade das acções a realizar, surgindo a CODICE como figura aglutinadora das componentes militar e civil. Foi constituída no início do mês de Outubro de 1974, sendo um dos organismos tutelados pela 5.ª Divisão do EMGFA, e extinta a 26 de Novembro de 1975.

5. Estas reportagens, da autoria de Mário Contumélias (texto) e Rui Homem (fotografias), foram publicadas entre 30/5/1975 e 19/6/1975.

governantes fascistas – a miséria. De pão, de cultura, de habitação, de saúde. De tudo! Descobriram um País. Real. Novo. Doloroso. Decidiram a reconstrução. De braço dado com o povo.”⁶

Esta acção foi uma das muitas iniciativas a integrar as Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA, apresentadas publicamente no dia 25 de Outubro de 1974 no Palácio Foz em Lisboa⁷. Com o objectivo de “levar ao povo o que é do povo”⁸, o *Programa de Dinamização Cultural* definiu um conjunto de eixos orientadores das Campanhas, destacando-se o esclarecimento político das populações, a sua participação no processo de democratização do país e a descentralização cultural.

Coordenadas pela CODICE, as Campanhas percorreram, durante um período superior a um ano, as populações rurais do interior norte e centro do país possibilitando, numa primeira fase, o levantamento das suas principais carências e, posteriormente, intervindo em áreas tão diversificadas como infra-estruturas, medicina, veterinária, agricultura, desporto, artes plásticas, teatro, cinema, música e dança. Importa sublinhar que foram realizadas sessões de esclarecimento em todo o país e junto das comunidades de emigrantes portugueses na Europa, contabilizando um total de cerca de dez mil sessões de esclarecimento. (*Livro Branco da 5.ª Divisão 1974-75* [1984]).

Espelhando o rumo da própria revolução, as Campanhas foram uma das muitas iniciativas ocorridas na conjuntura revolucionária do 25 de Abril de 1974, que aliou diferentes agentes em torno de um novo projecto político. Mas a Dinamização Cultural evidenciou também a viragem cultural da revolução ao procurar transformar a cultura nacional, como demonstraram Fishman & Lizardo (2013).

6. Diário de Notícias, 30/5/1975, p. 3.

7. Para análise detalhada das diferentes actividades desenvolvidas no âmbito das Campanhas ver Almeida (2009).

8. Movimento, n.º 4, 12/11/1974, p. 1.

II. Memórias veladas dos tempos da revolução em Portugal

“Escavar” as diferentes temporalidades de um acontecimento passado, no sentido que Lindqvist (2023 [1974]) atribui à palavra, implica a construção de uma *assemblage* etnográfica que justapõe uma diversidade de registos na procura do “minúsculo” (Farge 2002: 72), das palavras proferidas, das declarações aos jornais, dos registos áudio, dos cartazes, das fotografias captadas, dos documentários produzidos na época.

No decorrer da pesquisa, estes fragmentos foram ganhando densidade e coerência à medida que foram colocados em relação com as entrevistas realizadas, permitindo identificar a mancha a investigar. Contemplei uma ampla pesquisa documental e iconográfica em arquivos públicos e privados, observação directa de acontecimentos relacionados com a temática em análise e, ainda, trabalho de terreno extensivo num conjunto de localidades do norte do país percorridas pelas Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA entre 1974 e 1975.

Apesar deste pluralismo metodológico, importa sublinhar que a recolha de depoimentos orais, no formato de entrevistas em profundidade, constituiu uma das estratégias metodológicas centrais, devolvendo “não apenas o que as pessoas fizeram, mas também o que queriam fazer, o que acreditavam que estavam a fazer e o que pensaram ter feito” (Portelli 2013: 28). Os encontros de entrevista apresentaram, deste modo, um forte potencial epistemológico orientado para a interpelação do momento em que o próprio processo de rememoração ocorreu, sublinhando a relevância da análise crítica da situação etnográfica ao permitir compreender aqueles de quem e com quem falamos.

A atenção foi dirigida aos locais escolhidos para a realização da entrevista, às palavras ditas – e como eram ditas –, aos silêncios, aos gestos, às gargalhadas, ao choro, aos esquemas e desenhos esboçados. A performance da memória foi, assim, assumindo diferentes expressões, que revelaram a presença de uma memória subterrânea no sentido que lhe atribuiu Traverso (2012).

Deste modo, no presente etnográfico desta investigação, as Campanhas de Dinamização emergiam como um não acontecimento (Almeida 2007, 2009), o que se afigurava paradoxal na medida em que na época tinham sido objecto de uma forte cobertura mediática. Surgiam agora como uma experiência fragilizada e pouco reconhecida, ou mesmo um excesso que a História teria permitido (Trindade 2004), constituindo uma das expressões dessa hipérbole revolu-

cionária e, simultaneamente, um acontecimento arredado e desvalorizado nos relatos da história oficial.

Para exemplificar este argumento, atente-se a um testemunho que considero emblemático a partir da experiência de entrevista com um dos meus interlocutores. Há 49 anos, L. integrou uma das equipas que percorreram algumas localidades do interior do país no contexto das Campanhas de Dinamização Cultural. Recebeu-me em sua casa, situada numa localidade da periferia da cidade de Lisboa. Com o maior entusiasmo respondeu ao meu interesse sobre a sua experiência, aceitando prontamente a realização da entrevista.

Foi um acontecimento passado, efémero, que constitui o ponto de convergência entre mim e L. e que lhe possibilitou inscrever-me “em linhas de referência ou familiaridade” (Martins 2012). De forma muito detalhada, e apoiado nos momentos significativos da sua biografia, L. construiu a sua narrativa sobre os quotidianos vividos junto das populações rurais do interior norte do país. Com um estilo marcadamente épico, descreveu os conteúdos das sessões de esclarecimento, a forma como preparava a sua intervenção, as reacções entusiastas das populações mas, também, as resistências.

“Como é que nós funcionávamos? Começamos pelo princípio. O grupo era formado ali no Palácio Foz. Estávamos ali na formação do grupo pelo menos uns 15 dias, a preparar o grupo, trabalho didáctico, cartazes do 25 de Abril, propaganda da revolução, máquinas de projectar, filmes. E depois o grupo interiorizava e esquematizava a forma como iria actuar no terreno. As coisas eram feitas com muito boa vontade e com os meios que havia, por homens conscientes e com o profissionalismo possível. E depois saíamos. [...]” (Entrevista a L.)

De repente, o choro emergiu. A narrativa épica deu lugar a uma narrativa disfórica, catártica, ao descrever as realidades árduas que presenciou, resultantes das políticas do regime ditatorial derrotado. Este momento de entrevista revelou precisamente a dimensão subterrânea e escondida da memória sobre as Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA.

A entrevista fundou um momento de valorização e legitimação “vinda de fora”, reconhecimento perspectivado como amputado das narrativas históricas oficiais. Confrontei-me com uma memória injustiçada, uma memória marginal que circulava entre um grupo restrito de indivíduos, que era o resultado da minha cadeia de entrevistados construída ao longo da investigação, e que mantinha laços de características diversas. Do grupo dos entrevistados, uns perderam o contacto entre si, outros nunca se conheceram, outros mantinham

uma relação mais sólida obtida pelo vínculo conferido pela militância no Partido Comunista Português (PCP), pela pertença a associações cívicas organizadas em torno de um discurso memorialístico sobre esta conjuntura revolucionária, como a Associação 25 de Abril e a Associação Conquistas da Revolução, que através dos seus encontros comemorativos actualizam a memória daquele tempo.

Esta questão reenvia, por um lado, para o interesse do investigador por uma temática específica, e por outro para a existência, ou não, de uma agenda por parte do entrevistado que pretende contar a sua história, partilhar a sua visão dos factos. As primeiras entrevistas aos protagonistas das Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA foram difíceis de conduzir, uma vez que os interlocutores procuravam legitimar a sua versão dos acontecimentos, dar voz a um passado pouco conhecido, impor a sua agenda ao investigador e gerir a informação que pretendiam partilhar. Em algumas situações, foram claramente os entrevistados que me guiaram. Quando procurava introduzir questões fora da sua agenda, a sua *performance* corporal denunciava o espanto perante o meu interesse por outras dimensões desta iniciativa.

No decurso do trabalho de terreno, constatei que os momentos da entrevista eram meticulosamente preparados pelos interlocutores. Alguns solicitaram-me previamente o projecto de investigação ou manifestavam interesse em conhecer os tópicos que iriam ser abordados.

Gostaria de sublinhar que a entrevista decorria muitas vezes apoiada em fragmentos dos arquivos privados dos interlocutores. Faziam-se acompanhar por documentos e registos fotográficos da época, que documentavam e legitimavam a sua perspectiva sobre o acontecimento. Os arquivos particulares devolviam-me, deste modo, um terreno para a interpelação do significado das Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA e para a compreensão da sua contextualização identitária e biográfica. E esta dimensão da vida social do arquivo merece ser destacada. Com uma dimensão material indiscutível, estes registos ajudavam a instigar o olhar retrospectivo, provocavam a recordação. Produzidas nos anos de 1974 e 1975, testemunharam o encontro entre os meus interlocutores e a realidade captada ou documentada. Foram anotados, comentados, foram cuidadosamente guardados e partilhados comigo no contexto de recolha das narrativas.

Se para a maioria dos protagonistas das Campanhas a entrevista constitui um terreno para dar voz e legitimar a sua experiência, repondo a verdade dos acontecimentos, outros optaram pelo esquecimento intencional. De facto, as Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA

não foram um movimento consensual, tendo sido objecto de inúmeras críticas e oposições. Alguns dos entrevistados, nomeadamente aqueles com posições de destaque no quadro do organismo que coordenou esta iniciativa, mas cuja história de vida os afastou do espectro ideológico no qual as Campanhas se situaram, ofereceram alguma resistência em recordar, fazendo, contudo, um esforço para não obstar a investigação no sentido em que facilitaram o contacto com outras pessoas que “se lembrariam melhor”.

Com as Campanhas a serem descritas como “o período que gostei de viver”, ou como “uma grande experiência da minha vida”, os relatos assumem, também, um registo nostálgico. No caso da experiência em análise, esta é relatada como um projecto político interrompido que importa recuperar enquanto guia de acção futura.

É a partir das Campanhas que os entrevistados enquadram o momento presente e projectam o futuro. Disto é exemplo a sessão de homenagem a Ramiro Correia, militar a quem é atribuída a autoria do projecto da Dinamização Cultural pelo sector militar, realizada em Lisboa pela Associação Conquistas da Revolução em Abril de 2012. A sessão contou com os contributos de alguns dos protagonistas desta iniciativa que, na sua intervenção, recordaram o acontecimento e as resistências que encontraram, afirmando que na actualidade⁹ “precisamos de ter mais forças para abrir estradas e estradões porque estamos a perder tudo o que conquistámos em Abril de 1974”.

A subexposição da memória que identifiquei manifestou-se ainda na gratidão dirigida à investigadora quer no momento da entrevista, na defesa das provas públicas do doutoramento, quer após a publicação da investigação. Por outro lado, a investigação constituiu, na óptica dos interlocutores, um veículo para transmissão da memória do acontecimento, permitindo dar a ver a experiência vivida.

9. O orador referia-se ao contexto político português marcado pelo Programa de Assistência Financeira a Portugal da União Europeia e Fundo Monetário Internacional.

Conclusão

A Antropologia é realizada com e para aqueles que estudamos (Martins 2012), uma experiência dialógica onde as rugosidades do processo etnográfico constituem matéria para a própria pesquisa. Os antropólogos *fazem* com as pessoas, e a recolha de narrativas orais, no quadro da investigação aqui em análise, constituiu-se como uma construção biográfica a dois. Daqui decorre o interesse epistemológico em problematizar e escrutinar o contexto de recolha dos materiais etnográficos.

Neste texto propus-me identificar as dimensões subjectivas dos actores sociais e iluminá-las com o conceito de “agência”, testando a sua eficácia para pensar as disputas da memória ao permitir identificar a intenção inerente aos diferentes modos de recordar a experiência da revolução. Deste modo, a recolha de narrativas orais problematizadas a partir da Antropologia permite-nos aceder a outras dimensões que emergem do processo intersubjectivo. Tal como as sombras e os avessos trabalhados pela artista Lourdes Castro – que não ocultam, antes abrem para novas leituras –, também as memórias da revolução, o esquecimento, a nostalgia, o resgate e a perspectiva de futuro ganham maior densidade e textura.

Bibliografia

- ALMEIDA, S.V.**, 2009, *Camponeses, Cultura e Revolução. Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975)*, Lisboa, IELT-Colibri.
- ALMEIDA, S.V.**, 2007, "Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA: Uma etnografia retrospectiva", *Arquivos da Memória*, 2 (nova série), CEEP, 47: 65.
- CORREIA, R. et al**, *MFA, Dinamização Cultural, Acção Cívica*, Lisboa, Ulmeiro, s/d.
- FASSIN, D.**, 2008, "Introduction: L'inquietude ethnographique" in BENSA, A.; FASSIN, D. (dir), *Les Politiques de l'énquête. Épreuves ethnographiques*, Paris, La Découverte, pp. 5-15.
- FISHMAN, R. M., & LIZARDO, O.**, 2013, "How Macro-Historical Change Shapes Cultural Taste: Legacies of democratization in Spain and Portugal", *American Sociological Review*, 78 (2), 213-239. Consultar: <https://doi.org/10.1177/0003122413478816>
- GOLDMAN, M.**, 2006, "Alteridade e Experiência. Antropologia e Teoria Etnográfica", *Etnográfica*, Vol. X (1), pp. 161-173.
- LINDQVIST, S.**, 2023 [1978], *Dig Where You Stand. How to research a job*, UK, Repeater Books.
- JELIN, E.**, "La historicidad de las memorias", *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 50-1 | 2020, pp. 285-290.
- MARTINS, H.**, 2012, "'Tu não és daqui... estás só aqui durante um tempo!': Explorando os lados sombra de uma experiência de trabalho de campo", *Etnográfica*, Outubro de 2012, 16 (3), pp. 525-546.
- PORTELLI, A.**, 2013, *A Morte de Luigi Trastulli e Outros Ensaios*, Lisboa, Edições Unipop.
- TRAVERSO, E.**, 2012 [2005], *O Passado, Modos de Usar. História, memória e política*, Lisboa, Edições Unipop.
- TROUILLOT, M.-R.**, 2015 [1995], *Silencing the Past. Power and the production of History*, Boston, Beacon Press.
- TRINDADE, Luís**, 2004, "Os Excessos de Abril", *História*, n.º 65, Abril, 21: 31.
- VIVEIROS DE CASTRO, E.**, 2018, *Metafísicas canibais*, São Paulo, Ubu Editora.



EGEAC



**MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA
E LIBERDADE**